

The book cover features a vibrant, stylized illustration. The top half is dominated by a dark, stormy sky with swirling grey and blue clouds. Several cartoonish, winged figures with large, expressive faces are flying through the clouds. One figure in the center has a wide-eyed, surprised expression. Below the clouds, a bright, fiery orange and yellow band stretches across the middle, suggesting a sunset or a fire. In the foreground, a young man and woman are depicted in a romantic pose, looking at each other. The man is on the left, wearing a light blue shirt, and the woman is on the right, wearing a dark blue dress with white lace and a red rose in her hair. In the background, there are small, stylized houses and trees under the fiery sky.

ANTÔNIO TORRADO

*Salta
para o
Saco!*

*ilustrações
de Carlos Barradas*

CAMINHO

António Torrado

Salta para o Saco!

Ilustrações de Carlos Barradas



Livros do Dia e da Noite

CAMINHO

Salta para o Saco! é uma recriação do conto *O Soldado Que Meteu o Diabo no Saco*, que o autor recuperou e, à sua maneira, recontou na coletânea com o mesmo nome, 5.º volume da coleção «Histórias Tradicionais Portuguesas Contadas de Novo» (Civilização Editora, Porto, 2006)

A peça *Salta para o Saco!*, criada para o Centro Dramático de Viana do Castelo (Teatro do Noroeste), estreou no dia 7 de Outubro de 2006, em Viana do Castelo, no palco do Teatro Municipal Sá de Miranda.

Encenação, Elisabete Pinto; cenografia e figurinos, José Carlos Barros; direção musical, José Prata; desenho de luz, Rui Gonçalves; pintura cenográfica, XICO; construção de cenários, Porfírio Barbosa; produção, Cristina Brito; interpretação de Joana Miguel, Ricardo Simões e Tiago Fernandes

Título: *Salta para o Saco!*
Autor: António Torrado
© Editorial Caminho, SA, 2015
Ilustrações: Carlos Barradas

Pré-impressão: Leya
Impressão e acabamento: Guide
Tiragem: 1000 exemplares
Data de impressão: setembro de 2015
Depósito legal n.º 397 436/15
ISBN: 978-972-21-2763-9

Editorial Caminho, SA
Uma editora do Grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, 2
2610-038 Alfragide – Portugal
www.caminho.leya.com
www.leya.com

PERSONAGENS

(por ordem de entrada em cena)

ANJINHOS

S. PEDRO

JOÃO

LUDOVINA

CAPITÃO

SARGENTO

MENDIGO

VELHA

FANTASMA

DIABO

DIABRETE

QUADRO 1

Num plano alto (o Céu) está S. Pedro, rodeado por uma corte de anjinhos. Talvez apenas se vejam, entre nuvens, as cabeças dos anjinhos.

S. PEDRO: Ai que paciência a minha, que paciência a minha! Quantas vezes já vos respondi a essa pergunta: (*Arremedando a voz dos anjinhos*) «Porque é que o S. Pedro anda com uma chave tão grande à cinta?» E eu digo: «Porque sou o guarda-portão do Céu, meus anjinhos, o único santo da corte celestial com essa responsabilidade.» Chaves para entrar no Céu pode haver muitas, só Deus sabe quantas são, mas esta é a chave-mestra (*Exibindo uma chave*). Não posso perdê-la. (*Debruçando-se para um dos anjos como se quisesse ouvir o que ele diz*) Ahn?! O que é que estás a dizer? Fala mais alto ou tens vergonha? (*Como que ouvindo a pergunta e impacientando-se*) Outra pergunta do costume! (*Arremedando*) «Porque é que as portas do Céu não hão de estar sempre abertas?» És mesmo anjinho, benza-te Deus. Se não houves-

se guarda e as portas estivessem escancaradas, entrava tudo, minha gente, almas boas e más, e o Céu transformava-se num arraial, em que ninguém se entendia. Está escrito e rescrito que o Céu é só para os eleitos, os que praticaram boas ações em vida.

No plano inferior, ainda obscurecido, ouve-se:

JOÃO (*off*): Ó rosinha, minha rosinha...

LUDOVINA (*off, abespinhada*): Já te disse que não sou Rosinha e muito menos tua.

JOÃO (*off*): Mas és fresca e bonita como a rosa a abrir.

LUDOVINA (*off, já menos abespinhada*): E tu a teimares! Não sou nenhuma rosa a abrir.

JOÃO (*off*): Então, para mim, és uma rosa em botão.

Risinho de Ludovina.

S. PEDRO (*falando para os anjinhos*): Não liguem. São coisas lá de baixo, que não vos dizem respeito. (*Noutro tom*) É que, às vezes, nós temos de descer à Terra para... para nos atualizar-

mos sobre as últimas novidades do pecado e as práticas dos novos pecadores. (*Como se algum anjinho o tivesse interrompido*) O quê? Estão admirados? Pobres anjinhos. Sempre de cabeça no ar, a navegar nas nuvens... Fiquem sabendo que os pecados estão sempre a mudar de feição. O mal tem muitas manhas, muitas... Se eu não fosse, uma vez por outra, à Terra nesta missão... enfim... de «modernizar» os meus conhecimentos acerca dos pecados do mundo, ficava um anjinho ignorante e tonto como vocês. (*Ruidosa chinfrineira dos anjos*) Ai não são tontos?! Pois não que não são! Uns patetinhas inocentes, a voar muito alto, longe das realidades da vida...

No plano inferior, obscurecido, ouve-se:

JOÃO (*off*): Se tu quisesses, podias ser um anjo do Céu para mim...

LUDOVINA (*off*): Conversa tens tu. Mas não me levas à certa.

JOÃO (*off, com fingida inocência*): Já não se pode ser sincero com ninguém.

Tanto que eu queria ter-te sempre ao meu lado, como um anjo protetor...

S. PEDRO (*gargalhada*): Que disparate! Não! Não está a falar de vocês ou o que é que julgam?! Por estas e por outras é que eu recomendo que se debrucem para a Terra, de vez em quando. Não fujam do que lá se passa, com as asinhas a bater de medo. (*Noutro tom*) Esperem. Vou mostrar-vos um episódio da vida, para vossa instrução. Pode ser... (*S. Pedro debruça-se para baixo, na direção do público. Ouvem-se os sons do mundo: vozes, ruídos diversos, o marulhar da vida...*) Aquele? (*Apontando*) Não, não tem interesse. E se for? Talvez... Não sei... Ui! Aquilo é um caso muito complicado... Tem de ser uma história mais simples. (*Como numa lembrança*) É verdade. Vendo bem, talvez aquela de há bocadinho sirva. Exatamente. Está na conta.

No plano inferior, revelam-se, finalmente, Ludovina e João, que a persegue, ela fingidamente amuada com a persistência dele, ele vivamente amorudo.

JOÃO: Ó minha rosa querida, minha rosinha, não me fijas.

LUDOVINA: Não sou Rosa, já te disse. Chamo-me Ludovina.

JOÃO: Mas para mim és a mais linda rosa de um jardim cheio de flores.

LUDOVINA: Dizes isso a todas. Piroso!

JOÃO: A ti ainda não te tinha dito... Anda! Dá-me um beijinho.

LUDOVINA: Dessa estás bem livre,

JOÃO: Só um beijinho...

LUDOVINA: Chega-te para lá, João.

JOÃO: Um beijinho, o que é que te custa?

LUDOVINA: Muito. Pode estar gente a ver.

JOÃO: Não está ninguém a ver. Só cá estamos nós os dois.

Ludovina continua a fugir; rindo. Brincam aos namorados... Alguma agitação no plano superior.

SARGENTO: Noventa e cinco, prepare as botas, que vamos ter visitas.

JOÃO: Eu, engraxar as duas botas? Era o que faltava. Da primeira vez não engraxei e deram-me mais cinco anos de castigo. Da segunda vez engraxei e deram-me mais cinco anos de prémio.

SARGENTO: E agora?

JOÃO (*riso nervoso*): Agora, só engraxei uma e deixei a outra por engraxar. A ver no que dá.

Toque de cornetim a reunir.

SARGENTO: Ele aí vem.

JOÃO: O do costume?

Ambos se perfilam. Entra o capitão, entronchado como um esquimó. Puxa um calorífero com rodas, a que aquece as mãos constantemente.

CAPITÃO: Os outros do Batalhão?

JOÃO: Estão, na enfermaria, a hibernar, como os ursos, meu... meu... coronel.